



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O MILAGRE DE SANTO ANTÓNIO

Por MANUEL FERREIRA

NUMA casinha dos arredores de Lisboa, vivia a *tia* Maria da Luz com uma filha — a Leonor — engraçada pequenita de onze primaveras floridas.

Viviam sós.

O pai de Leonor, um pobre camponês — o *ti Toino* — havia partido, havia dez anos, para o Brasil, na miragem da fortuna. Era um aventureiro desejoso de viajar, de conhecer novas terras.

Quando o compadre *Jaquim* dissera que iria, em breve, para o Brasil, o *Toino* entrou em casa, radiante, e gritou, em alvoroço, para a mulher:

— «Maria! Vou para o Brasil com o compadre *Jaquim*. Arranja a mala por via do embarque, que é já depois de amanhã...»

— «Mas, homem, então vais-te embora, assim, sem mais nem menos?!...»

O *Toino* nem a ouvia:

— «Deixa lá, mulher. Arranja-se tudo... Deus há-de proteger-me. Ainda hei-de vir a ser rico...»

E partiu.

Ao cais, foi-se despedir dos emigrantes, a boa camponêsa. O barco afastou-se, vagarosamente, e só quando de todo desapareceu no horizonte, é que cessaram os adeuses...

— «Até à volta...»



Tempos depois, o *Toino* escreveu. Tinha chegado bem mas como ouvira dizer que no interior do Amazonas havia grandes riquezas, não resistia à tentação e ia partir...

Os anos passaram-se. Nunca mais houve notícias do camponês.

Leonor, na tarde de Santo António, interrogou, mais uma vez, a mãe:

— «Mãezinha, porque está sempre de prêto?»

— «Porque teu pai morreu...»

— «Onde?»

— «Lá muito longe... Há dez anos que não tenho notícias dêle. O teu padrinho, que o acompanhava, voltou e disse que teu pai devia ter morrido no interior do sertão...»

— «Com quê?»

— «Ora! Morto pela doença... por desastre... pelos selvagens... ou pelos bichos que comem gente. Morreu e nunca mais volta...»

— «Pois sim. — (respondeu Leonor, cheia de fé) — Mas... em que mês estamos nós?»

— «Estamos em Junho. Hoje é dia de Santo António. E tem graça — (explicou a mãe) — Santo António faz-nos encontrar aquilo que se perde...»

— «Então — (concluiu a pequena) — Se o pai não morreu, talvez Santo António...»

— «Talvez... Era bom, filha — (exclamou, chorando, Maria da Luz) — Mas há dez anos que êle desapareceu. Se fôsse vivo, tinha mandado notícias...»

(Continua na página 3)



O PRÊMIO DA INDULGÊNCIA

Por JOSÉ DE CAMPOS RODRIGUES

HAVIA grande azáfama no riacho e nos arrabaldes: a cigarra dava um sarau a que assistia a mais distinta e selecta aristocracia das classes dos animais miúdos.

Até o rouxinol e o canário dariam a honra da sua presença...

O sarau havia de ser coisa falada...

Por isso, a menina rã, fidalguinha da mais alta estirpe, se enfeitava tôda, remirando-se na água, a-fim de apreciar o efeito do seu lindo vestido de folhas verdes, executado exclusivamente para a festa, pela afamada modista D. Pêga.

E já a rãzinha tomava mil posições, tôda presunçosa, ouvindo as exclamações entusiásticas de sua mãe e de suas irmãs, que não se fartavam de a admirar.

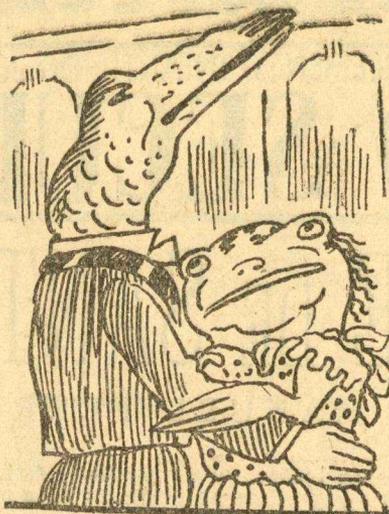


«Não se encontra maior formosura nas redondezas!» coaxavam elas.

Descia a noite; eram já horas de ir para o sarau, quando passou o senhor D. Grilinho, fidalguinho tolo e atrevido, muito elegante na sua casaca preta, o qual logo juntou á das rãs a sua admiração, batendo as asas e cantando:

Que atraente e radiosa,
Que delícia, que frescura!
Parece um cravo, uma rosa,
Que graça, que formosura!...

Adiantou-se, então, o grilo e ofereceu-lhe o braço, seguindo ambos para a festa. Atrás dêste par, caminhava a



mãe rã, de braço dado com o Dr. Escaravelho.

A sala, iluminada pela lua, era um bocadinho do terreno duma eira.

Os convidados, já numerosos, murmuraram admirativamente á entrada da rã, e quando Mestre Rouxinol começou o seu gorgeio, mil e um animalinhos correram a pedir á menina rã a honra da primeira valsa.

Esta, acolhendo todos com seu sorriso de rainha, esquivava-se, dizendo-lhes ter muita pena mas que já estava comprometida com o conselheiro Lagarto.

Assim que os demais bichos se afastaram, o conselheiro Lagarto enlaçou efectivamente, a rã, desaparecendo ambos no turbilhão dos valsistas.

Só o agrônomo Sapo, um dos que havia sollicitado a honra da valsa, ficou no mesmo lugar, olhando, como que magnetizado, a rã, no turbilhão da dança.

Acabada a valsa, nova multidão se precipitou; coube desta vez a honra da escolha a sua excelência o ministro Bezouro.

E, pela noite fora, as valsas e os valsistas succediam-se.

Modestamente vestido, com um fato de saragoça, o agrônomo Sapo esperava a sua vez. Esta chegou, por fim, e o sapo, como duvidando ainda da realidade, transportava, morosamente, em seus braços, a vaidosa rãzinha.

Já dansavam havia momentos, quando o sapo, muito grave e confuso, declarou o seu amor á menina rã. Porque, e isso já era do domínio de todos os animalinhos, o Sapo amava-a loucamente.

Despeitada, pelo atrevimento do humilde agrônomo, a rã, assim que a

valsa terminou, abandonou-o, nem sequer consentindo que êle a acompanhasse ao seu lugar.

Meio apatetado, o Sapo ia a retirar-se, quando o reteve a voz da dona da casa, que cantou:

Cavalleiros, escutai
Uma nova de alegrar,
A nossa gentil rã vai
Uma canção entoar.

Parou. Ia dispôsto a abandonar aqueles sitios e resolvido a não tornar a ver a sua bela. Porém, faltou-lhe a ânimo. Ao menos, pela última vez, escutaria, enlevado, a sua voz!

A rã subiu a uma pedra e, vaidosamente, começou a coaxar. Enfadados, os convidados retiraram-se discretamente. Tentou a rã deter os que res-



tavam; estendeu o pescoço para melhor trinar. A- pesar dos seus esforços, desequilibrou-se e — ó fatalidade! — caiu, partiu a cabeça e desmaiou.

Enquanto os convidados, que a rãzinha cumulava de atenções, se riam, o sapo correu a socorrê-la. Então, logo que recobrou os sentidos, a rãzinha agradeceu ao sapo e, como prêmio, ofereceu-lhe a mão, isto é a pata anterior.

O sapo ficou radiante e logo combinaram o casamento para daí a oito dias. Hoje são felizes e já têm dois girinos.

Meus meninos: se o sapo se houvesse vingado, não socorrendo a rã, seria solteiro e penaria de amor tôda a vida. Deus, meus amiguinhos, castiga os vingativos e maus e abençoa os indulgentes e bons.

O BURRO E A NORA

Por MARIO SANTOS GIL

Antes ainda de raiar a Aurora
e a luz do sol banhar o claro dia,
vai o triste burrinho para a nora
que è já velhinha e docemente chia.

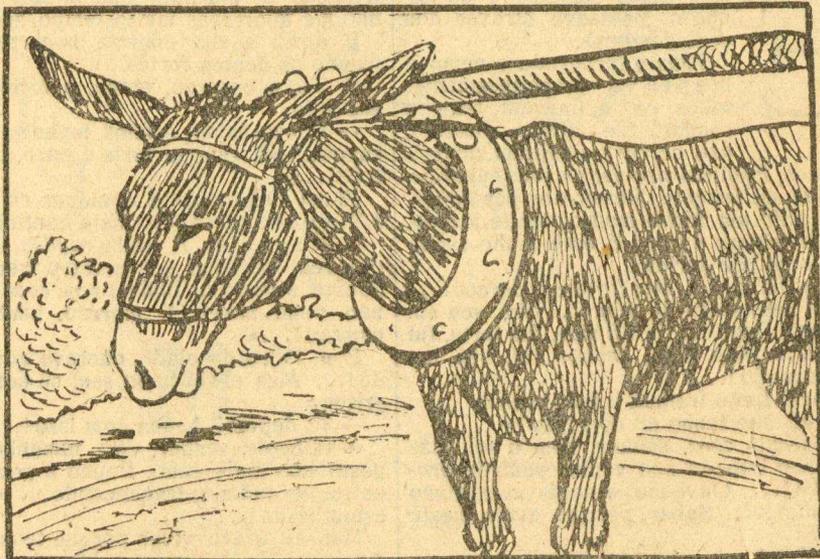
Soluçã, chora, suavemente chora...
sobem os alcatruzes: — «Tam-tam-
-tam»...

E em sua melopeia, a ave canora
Torna inda mais poética a manhã.

A água cai em jorros cristalina,
e pelas calhas corre fulgurante,
para tornar-se quasi esmeraldina
na imensidade do lodoso tanque.

Mas outra lide, ainda mais penosa,
o está esp'rando à bôca da noitinha:
— ir ao moínho, à serra pedregosa,
levar o milho e trazer farinha.

No curral, alta noite, o pobre burro
solta um longo, um tristissimo la-
mento,



em seu cansado e doloroso zurro,
onde apenas há dor e sofrimento.

— «Oh, como êste meu dono é
egoísta!...

— (parece o pobre burro, a sós,
dizer) —

Por ventura é possível que eu resista
com tanta lide e tão pouco comer?!»

*

*

*

Ai dos que experimentam a Ventura
só à custa dos outros, da Amargura!

O MILAGRE DE SANTO ANTONIO

(Continuado da página 1)



— «Sim, mas, em todo o caso, vou pedir a Santo António...»
Mudando de assunto, a boa mulher exclamou:

— «Olha, Leonor, antes que seja tarde, vai ao casal comprar uma dúzia de sardinhas. Hoje, como é dia de Santo António, temos direito a um jantar melhorzinho».

E entregou-lhe uma moeda de dez tostões:

— «Toma lá... tem cuidado, não percas...»

A pequena retirou-se mas, distraída com seus pensamentos, não reparou que, à saída da porta, ao pôr o dinheiro na algibeira, êle caíra-lhe no chão. Pelo caminho, Leonor ia sempre a pensar:

— «Se Santo António fizesse o milagre de me trazer o paizinho...»

Ao chegar á loja, o Zé da Tenda perguntou-lhe:

— «O que queres?»

— «Uma dúzia de sardinhas. E faça favor de me aviar já, que tenho pressa...»

— «Que tal está a miuda? Se tinha pressa, viesse mais cedo!...»

O Zé da Tenda voltou para dentro, enquanto a pequena procurava, na algibeira, o dinheiro. Contudo, — ó fatalidade! — não encontrou a moeda!

Saiu da loja. Procurou, procurou, pediu a Santo António que lhe deparasse o dinheiro, mas... nada!

Já se encaminhava, tôda chorosa, pela estrada, em direcção à sua pobre choupana, quando um sujeito bem vestido, moreno e simpático, se acercou:

— «Que tens, pequena?»

(Continua na página 6)

El-Rei Leão «Soberbão»

Por LEONOR de CAMPOS

EL-REI Leão, soberbo e desdenhoso, passeava através dos seus domínios.

Tôda a bicharada o cumprimentava respeitosamente, todos se inclinavam para o saudar. Ele, altivo, distante, não correspondia aos cumprimentos, fingindo não ver os seus súbditos.

Mas, de repente, mesmo aos pés do rei, vem cair um bicho magro, muito magro, o pêlo áspero e ralo. E esse bicho exclamava em voz dorida:

— «Senhor!... Rei forte e poderoso!... Tem compaixão de mim!... Sim, sou eu, o Tigre Real!... Já fui rico, fui forte, fui feliz!... Mas hoje, senhor rei, sou um desgraçado!...»

El-rei Leão franziu o real nariz:

— «E que tenho eu com isso?»

— «Nada tens, senhor, bem o sei. Mas isso não impede que venha pedir-te protecção!... Ouve-me e terás compaixão de mim!... Sabes porque estou neste estado?»

— «Não sei, nem me interessa!...» — replicou el-rei, sempre de nariz torcido e fazendo menção de continuar o seu passeio.

Mas o Tigre Real não o deixava prosseguir. Agarrou-se-lhe a uma perna, suplicando:

— «Espera!... Não vás, ainda!... Deixa-me contar-te a minha história!... E' breve!...»

— «Maçador!... Enfim!... Para me ver

livre de ti, consinto que fales!... Mas não me aborreças muito tempo, senão... E abriu a sua enorme bocarra, mostrando os dentes fortes.

O Tigre encetou, então, a história da sua vida:

— «Como sabes, senhor, tenho nas veias sangue real, sangue forte e puro, como o teu!...»

El-rei Leão rosou qualquer coisa que o Tigre não percebeu. Este continuou:

— «Casei cedo, A minha espôsa, de sangue real também, era contudo fraquita e doente. Mas linda, linda e boa, como outra não pode haver. E morreu, senhor... morreu!...»

E o Tigre, desolado, chorava que fazia dó!... Mas el-rei Leão, sem se comover, gritou:

— «E depois? Acaba com isso!...»

— «Depois, senhor, com tamanho desgosto não mais comi. Pouco a pouco fui enfraquecendo, enfraquecendo... e hoje estou assim!...»

Mas eu quero viver porque tenho dois meninos. E eles, os queridos pequenos, precisam ainda dos carinhos e cuidados de seu pai. Mas como não tenho forças para trabalhar, não posso sustentá-los. Porisso me lembrei de ti, rei Leão. Venho pedir-te que me ajudes, que me dês das tuas sobras, para dar de comer a meus filhos e também para eu me fortalecer!...»

El-rei Leão ergueu muito o pescoço, com sobrançeria, e retorquiu sêcamente:

— «Já esperava a choradeira final. Preguiçoso!... Vai trabalhar!... Tem vergonha!... Lá porque lhe morreu a mulher — olha a grande desgraça! — O papalapaão deixou de comer e de trabalhar. Ah!... Ah!... Ah!... E agora ficava e tôda a vida a sustentá-lo, mais os matulões dos seus meninos!... Que rico negócio, hein?»

— «Mas eu não quero que nos sustentês tôda a vida — gritou o Tigre Real indignado. — Peço-te apenas que nos sustentês enquanto eu não puder trabalhar!...»

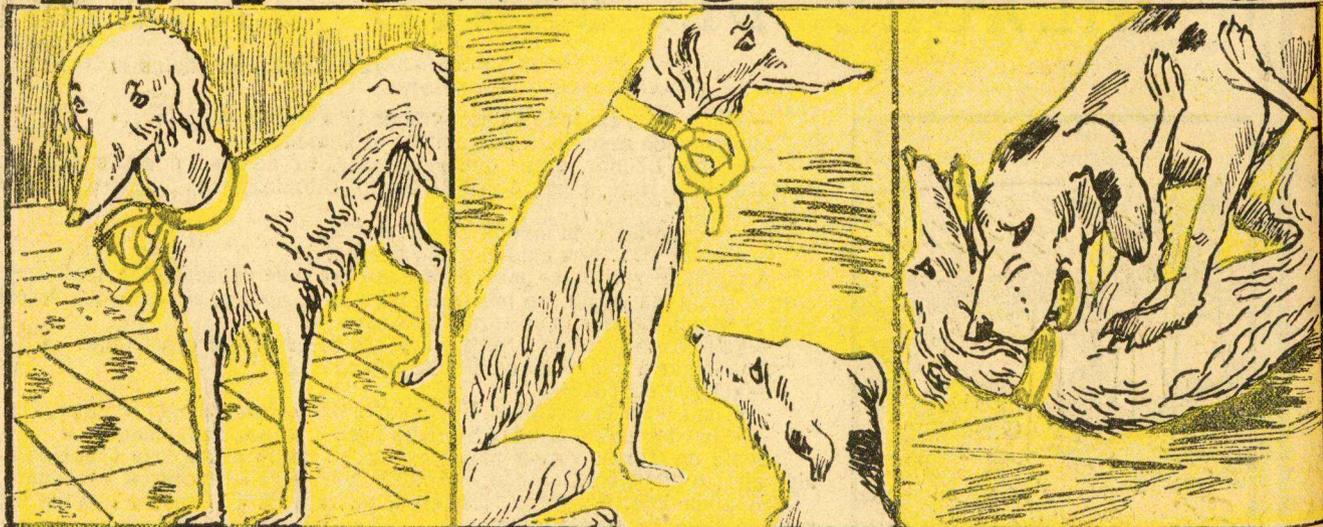
— «Bem sei, bem sei!... — exclamou el-rei. — Já conheço essa cantiga!... Olha: queres um conselho? Vai cantá-la outro!...»

E afastou-se a rir, a rir à gargalhada.

O Tigre caiu por terra, sem forças para se levantar. Mas ainda não desistiu. Mas não ia longe e já o Tigre sentia no dorso uma pancadinha. Voltou-se e deparou com um macaquito, de olhar esperto e bondoso, que lhe dizia:

— «Tigre Real: Ouvi sem querer a tua conversa com el-rei. Bem sei que é muito feio escutar as conversas dos outros. Mas tu desculparás. Não foi por mal. A minha casa é aqui em cima, nos ramos desta árvore que nos cobre...»

ERA UMA VEZ



I — Era uma vez um cão galgo que se dizia fidalgo.

II — Ao ver um reles Bêu-bên, troça do seu ar plebeu.

III — Surge, nisto, um cão da serra que atira o galgo por terra.

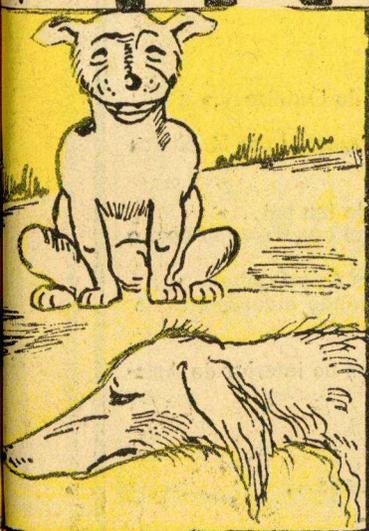


— «Está bem, está bem, macaquinho!...
 Esta de desculpas!...»
 — «Pois bem. Como te disse, ouvi tudo.
 O rei Leão é mau e egoísta. Mas sossega,
 em tu nem os teus filhinhos morreréis à
 fome. Vai para casa e deita-te a des-
 cansar. Entretanto eu irei falar com alguns
 amigos meus e alguma coisa se arran-
 jará...»
 E afastou-se aos saltos, internando-se
 na floresta.
 O Tigre seguiu-o, com os olhos rasos
 de lágrimas, sem mesmo poder agrade-
 cer-lhe, a garganta apertada pela comoção.

* * *

Passou algum tempo. Graças ao auxílio
 do macaquinho, que no desempenho da
 sua missão correrá à floresta, pedindo, a
 ajudados os bichos que encontrava, socorro
 ao Tigre Real, este melhorara muito.
 O pêlo voltara a crescer e a amaciar. As
 tuíças reapareciam. Tornava a ser o
 bonito e majestoso Tigre de outrora. Os
 seus filhinhos estavam um encanto: gordos
 e fortes — uma perfeição. E o pai, orgu-
 loso...

(Continua na página 6)



IV — E o Bêu-bêu agora ria,
 ante a triste fidalguia.

C A R T A do C O L E G I O



P O R M I L A U

MÃIZINHA:
 Se soubesses, estou triste!
 Meu pobre coração já não resistê
 a contar-te esta minha grande mágoa.
 Não sei se conte, mãe; não sei se devo...
 Já molhei o papel em que te escrevo...
 —Pois se eu tenho os meus olhos rasos d'água!

Estou triste, tão triste! E nem sei bem
 como explicar, minha adorada mãe,
 porque tenho vontade de chorar.
 A chuva cai lá fora, de mansinho,
 e lembra-me o meu leito, tão quentinho,
 que tuas mãos costumam afofar.

Que saudades, mãezinha, de ti sinto!
 Mas crê, minha querida, que não minto
 se te disser: — Sinto remorsos, mãe;
 as professoras são deveras boas,
 as colegas magníficas pessoas...
 Devia aqui sentir-me muito bem...

E não sinto, mãezinha; mas porquê?
 São todos bons p'ra mim, contudo, vê...
 Ai, nada há que se possa comparar
 à nossa casa, ao teu amor de mãe...
 Não prossigo, pois temo que também
 os teus olhos estejam a chorar.

Não quero que tu chores; isso não!
 Sinto, até, a tremer o coração
 só pensando que tu podes chorar;
 não quero apoquentar-te, mãe querida,
 e prometo-te, pela minha vida:
 Tudo farei para me habituar!

Espero que me venhas visitar;
 que me venhas, enfim, encorajar...
 São horas da lição; chamam por mim.
 Não posso escrever mais... Adeus, mãezinha.
 Um beijo imenso da tua filha
 muito saúdosa.

Olha: até breve, sim?!

El-Rei Leão «Soberbão»

(Continuado da página 4)

lhoso, todo se lambia quando algum bicho, ao vê-los passar, exclamava:

— «O' que beleza de Tigrinhos!... São mesmo o focinho do senhor seu pai!...»

Um dia o Tigre Real, sentindo-se forte e capaz de trabalhar, chamou o macaquito, deu-lhe um riquíssimo presente e desfez-se em agradecimentos, acrescentando:

— «Pronto!... Acabou a tua missão. De hoje em diante já poderei, sozinho, tratar da minha vida. Mas nunca esquecerei o que por mim fizeste. Tens em mim um amigo para a vida e para a morte.

Ora enquanto o Tigre se restabelecia dos seus males, el-rei Leão continuava a passear pela floresta, cada vez mais ativo, cada vez mais egoísta e desdenhoso.

Certo dia em que, de cabeça erguida, subia a encosta dum monte, escurregou e *terrr...* veio por ali abaixo, às cambalhotas, bate aqui, bate acolá e

só parou dentro dum riacho, que por ali corria. Com a violência das pancadas, el-rei Leão desmaiara. Contudo, a água fria reanimou-o. E ao voltar a si, estava desfigurado e desgraçado para tódá a sua vida. Quebrara as garras e muitos dentes. Da enorme juba, que era o seu orgulho, restavam uns tufozitos de pêlos espalhados pela cabeça. E como perdera muito sangue, sentia-se fraco, sem quasi poder mexer-se. Então, a chorar, el-rei Leão arrastou-se para o seu palácio.

Quando o viram entrar, côxo, fraco, ridículo, os servos, que o temiam e o odiavam pela sua maldade, nem se atreveram a perguntar-lhe o que sucedera. Logo correram a contar a amigos e conhecidos:

«Que el-rei Leão regressara a casa, num tal estado, que até causava pavor!... Estava mesmo desgraçado!... Já não possuía garras! Fôra-se a juba num ai! Sem dentes! E muito côxo, aqui levanta, além cai!...»

Pode imaginar-se o resultado destas

inconfidências, sabendo-se como era detestado el-rei Leão.

Pouco depois na montanha, na planície, pelos vales e outeiros, só se ouvia rugir, berrar, guinchar, gritar:

Trão la lão!
Vai-te embora
el-rei Leão!...

De modo que, no dia seguinte, el-rei Leão era destronado e a bicharada, no meio do maior entusiasmo, aclamava rei o Tigre Real.

Este veio para o palácio. E apenas chegado, logo o ex-rei corre para êle e rojando-se no chão, soluça e geme: — «Perdão!... Perdão!»

Então, o Tigre Real, magnânimo e generoso, ajudou-o a erguer-se, e, espreitando-o, disse:

— «Nada tenho a perdoar-te, Leão. A tua consciência é o teu único juiz. Se ela te diz que procedeste mal comigo só tens que arrepender-te e emendar-te. E agora um conselho: — Se voltares a ser forte e poderoso, nunca desprezes os humildes, os fracos. Porque, entre êsses, poderá estar o esco-

O MILAGRE DE SANTO ANTONIO

(Continuado da página 6)



— «Oh, meu caro senhor! Perdi dez tostões que minha mãe me deu para comprar sardinhas. E agora não temos nem dinheiro, nem jantar. Já tanto pedi a Santo António...»

O tal senhor riu-se e, abrindo a bolsa, disse:

— «Não te aflijas, pequena. Eu venho da parte de Santo António. Toma lá outros dez tostões.»

Leonor olhou para o seu bemfeitor e perguntou:

— «Quem é o senhor?»

— «Sabê-lo-ás, depois. De quem és tu, pequena?»

— «Eu sou filha da senhora Maria da Luz, da serra do Outeiro...»

— «E teu pai?»

— «Meu pai partiu para o Brasil há dez anos mas morreu por lá. Nunca mais mandou notícias...»

Então, o interlocutor sorriu-se e afirmou:

— «Pois Santo António mandou-me trazer notícias do teu pai...»

A pequena, aparvalhada, comprou as sardinhas, e foi conversando com o desconhecido. Ao chegar a casa, disse:

— «Olhe, mãe. Vem aqui um senhor que traz notícias do paizinho...»

A pobre Maria da Luz ficou boquiaberta e, num grande alvoroço, exclamou:

— «O quê? O meu *Toino* ainda é vivo?»

— «Vivo e são — (respondeu o homem) — Enriqueceu e é hoje dono de grandes plantações no interior do Amazonas. Voltou, a fim de visitar a mulher e a filha.»

— «Mas, então, — (perguntou a camponesa) — onde está êle?»

— «Sou eu, mulher! Já não me conheces?»

Maria da Luz julgou sonhar. Era o marido — que ela julgava morto — quem ali estava.

Mas que diferença... Forte, moreno, muito queimado do sol, belo trajar, ninguém o conheceria...

Depois de êle lhes haver contado tódá a sua odisseia, Leonor beijou, muitas vezes, seu pai. E foi agradecer a Santo António, tão extraordinário milagre...

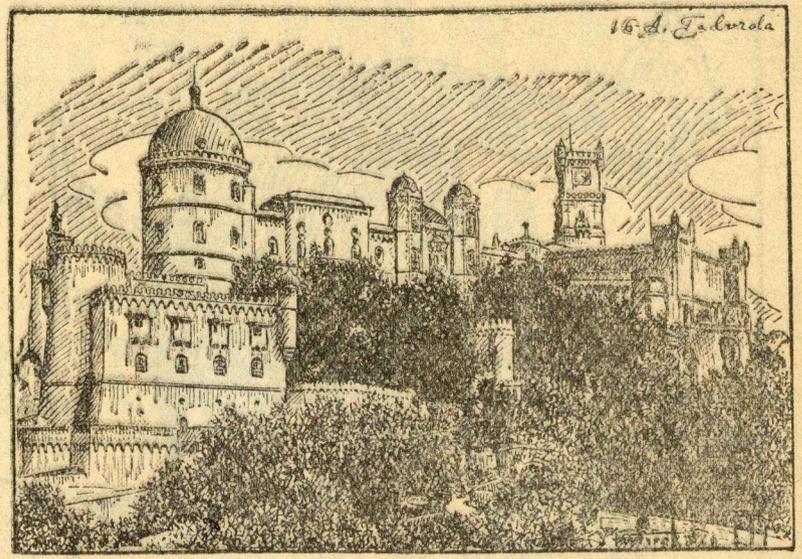
REFERÊNCIA AUXILIAR

Anteriormente à construção do palácio acastelado que a gravura reproduz, existiu uma capela em louvor de N. S.ª Depois, foi esta demolida, dando lugar a um convento de madeira, para frades jerónimos, com o nome de N.ª S.ª da Penha ou Pena, por ter sido numa penha que esta Santa fez a sua aparição.

Em 1511 o arquitecto italiano João Potassi transformou-o completamente. D. Manuel e D. João III ofereceram-lhe valiosas, dádivas.

Depois de extintas as ordens religiosas, D. Fernando comprou, em 1858, o convento e a cerca, tudo em péssimo estado, devido às guerras peninsulares e civis. Foi tudo reparado e terminadas as obras em 1840. No ano seguinte transformou-o em palácio acastelado,

CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



de estilo manuelino, tal como hoje se pode verificar. De lá se disfrutaram panoramas soberbos, descobrindo-se a vila, Cascais, o farol da Roca, etc.

lhido por Deus, para te mandar ou humilhar.

E nunca mais o Leão
voltou a ser «soberbão».

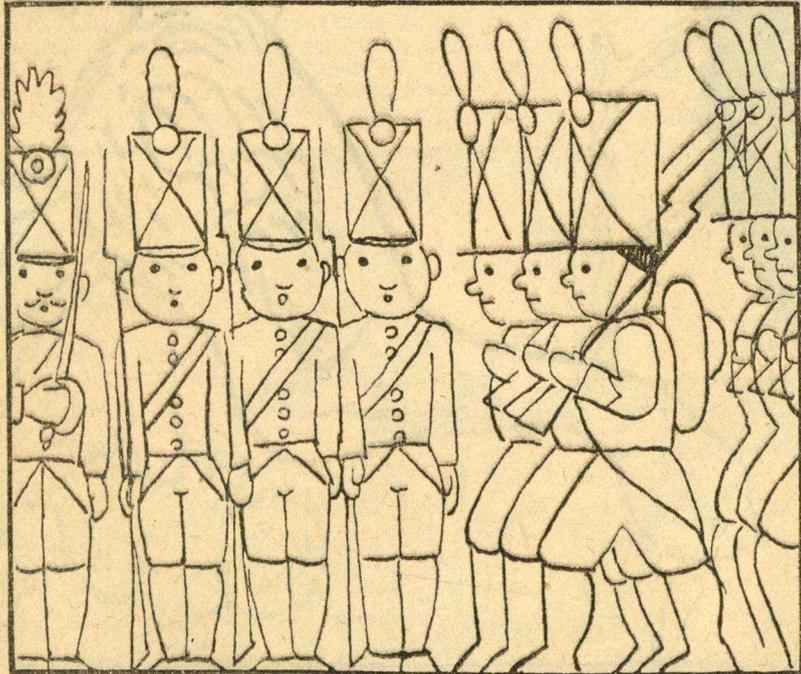
E o senhor Tigre Real
foi sempre um rei ideal!...

F I M



ADIVINHA

PARA OS MENINOS COLORIREM



Neste quadro, está um soldado espanhol nacionalista e outro comunista.

Vejam se descobrem êste último.



A CAPOEIRA

CONSTRUÇÃO
PARA ARMAR



II SÉRIE — Vêr instruções no número anterior.